

ENTRE TROCAS E FAVORES

Carolina Estefânia Simons JACOMINI

Mariana BERCHT RUY

Orientadora: Lúcia Granja

Resumo: Entre trocas e favores é um ensaio que se centra na análise do Dr. Vilaça, “glosador insigne”, a partir de seu aparecimento no capítulo XII: “Um episódio de 1814”, de Memórias póstumas de Brás Cubas, no qual é narrado um jantar que a família Cubas oferece por ocasião da queda de Napoleão. Quando se compara tal personagem à caracterização do “medalhão”, presente no conto Teoria do medalhão: diálogo, também de Machado de Assis, percebe-se que existem pontos de contato entre tais figuras. Para a análise, foram mobilizados os conceitos de capital social, cultural, econômico e suas dinâmicas de conversão, bem como a aproximação do conceito de troca ao de favor, desenvolvido por Roberto Schwarz.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Machado de Assis; Roberto Schwarz; Pierre Bourdieu; Teoria literária.

No capítulo XII de Memórias Póstumas de Brás Cubas, o narrador nos apresenta um evento ocorrido em 1814; por ocasião da queda de Napoleão, sua família não se satisfaz

(...) em ter um quinhão no regozijo público; entendeu oportuno e indispensável celebrar a destituição do imperador com um jantar, e tal jantar que o ruído das aclamações chegasse aos ouvidos de Sua Alteza, ou quando menos de seus ministros. (ASSIS, 2019, p. 62)

Nesse contexto, conhecemos o Dr. Vilaça, “glosador insigne, que acrescentou aos pratos de casa o acepipe das musas” (Ibid., p. 64). Para entretenimento geral, a cada mote que lhe ofereciam, ele respondia com várias glosas, pedindo novos e angariando admiração do seu público. Ao ser elogiado por uma das senhoras presentes, o poeta responde:

— A senhora diz isso — retorquia modestamente o Vilaça — porque nunca ouviu o Bocage, como eu ouvi, no fim do século em Lisboa. [...] Imenso talento o do Bocage! Era o que me dizia, há dias, a Sra. duquesa de Cadaval...

E estas três palavras últimas, expressas com muita ênfase, produziram em toda a assembleia um frêmito de admiração e pasmo. Pois esse homem tão dado, tão simples, além de pleitear com poetas, disqueteava com duquesas! Um Bocage e uma Cadaval! Ao contacto de tal homem, as damas sentiam-se superfinas; os varões olhavam-no com respeito, alguns, com inveja, não raros, com incredulidade. (Ibid., pp. 64-5)

Brás, ainda garoto de nove anos, não apenas não se diverte tanto quanto os adultos com as proezas do ilustre convidado, como vai progressivamente se enfurecendo com o atraso da sobremesa. Seu pai, inebriado com o sucesso do evento tão ilustre, não percebe a movimentação discreta do menino, que encara alternadamente ele e a sobremesa, implorando para ser servido; como último recurso, explode em grande birra, resultando

na sua exclusão do evento. Jurando vingar-se do glosador, põe-se a segui-lo, procurando forma de ridicularizá-lo em frente de todos. É assim que descobre o caso do Dr. Vilaça e D. Eusébia, que expõe: “— O Dr. Vilaça deu um beijo em D. Eusébia! — bradei eu correndo pela chácara.” (Ibid., p. 67) A revelação choca os comensais, encerrando o jantar. Seu pai, irritado, repreende-o, mas já no dia seguinte lembra-se do ocorrido com risos.

Na cena descrita, acompanhamos uma relação de troca entre os Cubas e o Dr. Vilaça: de um lado, a família Cubas possui capital econômico, mas busca constituir capital social, o que pode ser percebido no terceiro capítulo do romance (Genealogia) em que o narrador nos expõe as origens da família e a tentativa de seu pai em forjar outra, mais ilustre¹; de outro, o glosador tem seu reconhecimento (e, assim, sua distinção) reafirmado e, simultaneamente, estabelecido pela sua participação em situações sociais como o jantar, às quais confere ilustração e valor de raridade.

O que vemos, portanto, é algo muito próximo ao que Pierre Bourdieu escreveu em “O capital social — notas provisórias”, em que ele define capital social como

o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis [...] fundadas em trocas materiais e simbólicas. (BOURDIEU, 1998, p. 67)

Isto é, o capital social está ligado à constituição de um grupo que se conhece, se reconhece e possui certa homogeneidade interna. O volume de capital social de um agente individual é definido pelo tamanho da sua teia de relações e pelo volume de capital (econômico, cultural e simbólico) de que dispõe. Desta maneira, a função desse tipo de capital é a de instituir tal rede que está apta a gerar lucros simbólicos e materiais, tanto para o grupo como para seus membros. A manutenção dessas associações se faz a partir do mecanismo de troca: “A troca transforma as coisas trocadas em signos de reconhecimento e, mediante o reconhecimento mútuo e o reconhecimento da inclusão no grupo que ela implica, produz o grupo e determina ao mesmo tempo os seus limites (...).” (Ibid., p.68).

1. Em Genealogia, somos inteirados das tentativas de desassociar o sobrenome Cubas da sua origem humilde, de família de tanoeiros, empreendidas por Luís Cubas, pai de Brás. Após a investida, sem sucesso, de vincular-se à família homônima fundadora de São Vicente, Luís recorre à invenção de um antepassado que, lutando nas jornadas da África, teria recebido o apelido “em prêmio da façanha que praticou, arrebatando trezentas cubas aos mouros. Meu pai era homem de imaginação; escapou à tanoaria nas asas de um calembour. Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns fumos de pacholice; mas quem não é um pouco pachola nesse mundo?” (ASSIS, op. cit., pp. 25-6). Ao forjar uma origem nobre para sua família, Luís Cubas está aumentando o volume de capital cultural à sua disposição.

Partindo do pressuposto de que o nosso sistema social está organizado de acordo com uma distribuição desigual de recursos e de poderes, compreende-se que há a luta entre as pessoas para conquistar esses elementos. Nesse contexto, a distinção ou a notabilidade, estabelecidas por meio da incorporação das práticas de cultura² da classe dominante, funcionam como maneira de sobrevivência e de manutenção do poder. Há, assim, uma dinâmica que permite uma espécie de conversão de uns capitais nos outros: a rede instituída pelo capital social permite a acumulação de capital simbólico e de capital econômico, todos eles permeados pelo lastro do capital cultural.

O jantar oferecido pela família Cubas demonstra a rede de relações que eles mobilizam, a qual, possuindo capital cultural (aqui representado principalmente pelo Dr. Vilaça) e econômico (simbolizado pelo juiz de fora, pelos oficiais militares, por outros letrados etc.) suficientes, constrói um sentido de homogeneidade e confere aos membros o benefício do capital social. Ao almejar o reconhecimento de “Sua Alteza, ou quando menos de seus ministros”, os Cubas demonstram querer expandir tal capital (e, por extensão, o econômico), ascendendo a uma camada social hierarquicamente superior, que detém maior volume de capitais.

Enquanto a “denúncia” de Brás resulta em vergonha para o Dr. Vilaça, não prejudica os Cubas; apesar de dar fim ao jantar, a família não parece sofrer redução de notabilidade. O grupo não é afetado pela desonra de um de seus membros, o qual simplesmente perde seu pertencimento: “[...] cada agente deve participar do capital coletivo, simbolizado pelo nome da família ou da linhagem, mas na proporção direta de sua contribuição, isto é, na medida em que suas palavras e sua pessoa honrarem o grupo [...]” (Ibid., p. 69)

Em A teoria do medalhão: diálogo, Machado nos expõe o ensinamento que um pai deixa para seu filho, Janjão, na noite de sua maioridade. Sem grandes legados para lhe oferecer, inicia-o naquele que considera o “mais útil e cabido” (ASSIS, 2007, p. 82) dos ofícios: o de medalhão. Instruindo-o, recomenda que modere os impulsos da juventude para que, aos quarenta e cinco anos (idade própria ao estabelecimento da profissão), eles não o comprometam. Aconselha também a moderação nas ideias: “O melhor será não as ter absolutamente. [...] pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até a morte, mas

2. Práticas de cultura são ações cotidianas conscientes (escolher uma determinada roupa para vestir) ou inconscientes (modo de andar, de mexer as mãos ao falar). Ao contrário do que se poderia pensar, elas não são neutras; na verdade, são fruto de uma história social: “[...] todas as escolhas ou pré-disposições são resultado de condições de socialização específicas e traduzem o pertencimento a uma dada estrutura social.” (SETTON, 2012, p.73). No entanto, é concebido que o agente possa escolher entre uma ou outra prática, isto é, “da mesma forma que a aceitação de uma regra social oferece um amparo frente à variedade de opções a disposições (movimento que corresponde à aproximação de um grupo — habitus grupal), oferece também um espaço de projeção e expressão de uma individualidade (movimento de afastamento do grupo — habitus individual), no uso particular e singularizado de um comportamento.” (SETTON, 2012, p.73)

nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida.” (Ibid., pp. 83-4)

O medalhão, segundo nos explica ao longo do diálogo, tendo sempre o que dizer, não deve nunca trair uma ideia ou uma paixão; nada daquilo que pudesse ocasionar discordância. Ainda assim, deve fazê-lo demonstrando grande repertório cultural. Segundo o pai de Janjão, ainda que sejam ambientes perigosos, por sua atmosfera apropriada à geração de ideias, convém ser visto em livrarias, onde, perguntando-se aos frequentadores o que acham de determinadas crônicas deverá quase sempre deparar-se com as mesmas opiniões; monotonia, essa, “grandemente saudável”, dotada de capacidade de, a médio prazo, reduzir o intelecto “à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum” (Ibid., p. 85). Recomenda, ainda, o vocabulário simples; mas permeado pelo emprego de “figuras expressivas”

que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocados jurídicos, máximas, é bom trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. [...] Alguns costumam renovar o saber de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício; seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. (Ibid., pp. 85-6)

Junto a isso, orienta-o a participar da vida política, mas sem emitir ideias próprias, e a aproveitar-se de qualquer publicidade que possa obter. Na tribuna, caso vá ao parlamento, o mais indicado é o discurso sobre a metafísica política

mais fácil e mais atraente. [...] Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir. Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso, não transcendas nunca os limites de uma invejável vulgaridade. (Ibid., p. 89)

Expondo tal repertório de lugares comuns, sem gerar grandes polêmicas, o medalhão bem sucedido chegará à fase de “ornamento indispensável” (Ibid. p. 88), em que não precisará mais procurar a participação na sociedade: a sociedade é que o procurará para abrilhantar seus eventos.

A relação da teoria do medalhão com a de Bourdieu não é difícil: Janjão deverá incorporar capital cultural que seja socialmente prestigiado e que não inicie polêmicas para, mobilizando-o, angariar capital social e, conseqüentemente, econômico. Mesmo o “valor de raridade” do capital cultural, resultante do “fato de que nem todos os agentes

têm meios econômicos e culturais para prolongar os estudos além do mínimo necessário à reprodução da força de trabalho menos valorizada em um dado momento histórico” (BOURDIEU, 1998, p. 78), parece próximo da ideia de “tornar-se medalhão”, “ornamento indispensável”, jóia em posição central nos eventos sociais.

No jantar dos Cubas, é esse espaço de “medalhão” que o Dr. Vilaça ocupa, até ser exposto por Brás; além do comportamento não honroso para o grupo, denuncia-se uma paixão — algo inaceitável para um medalhão. Além de desempenhar essa função, podemos ver, por exemplo, pela “modéstia” com a qual o poeta associa seu nome aos de Bocage e da duquesa de Cadaval, que ele segue as recomendações do pai de Janjão quanto a portar-se com relativa simplicidade, mas sempre empenhar-se em, fazendo uso de referências conhecidas de seu público, engrandecer-se. Sabemos também, que o Dr. Vilaça já passa dos 45 (tem, no episódio do jantar, 47 anos) e que, a considerar-se por suas roupas, dispõe de algum capital econômico.

É possível pensar, também, que, enquanto a teoria francesa está centrada na ideia de troca, temos, no Brasil, uma ideia relativamente próxima: a de favor. Em *As ideias fora do lugar*, Roberto Schwarz afirma que a política de favores media as relações de poder e de sobrevivência entre latifundiários e homens livres, duas das três classes produzidas pela colonização (a terceira é a dos escravizados). Diz ele sobre os homens livres:

Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. Note-se ainda que entre estas duas classes é que irá acontecer a vida ideológica, regida, em consequência, por este mesmo mecanismo. [...] Mesmo profissões liberais, como a medicina, ou qualificações operárias, como a tipografia, que, na acepção europeia, não deviam nada a ninguém, entre nós eram governadas por ele [o favor]. E assim como o profissional dependia do favor para o exercício de sua profissão, o pequeno proprietário depende dele para a segurança de sua propriedade, e o funcionário para seu posto. O favor é a nossa mediação quase universal. (SCHWARZ, 2014, pp. 50-1)

Da mesma forma que as redes duráveis se fundam no mecanismo de trocas simbólicas e materiais, na política de favores também há vantagem para os envolvidos — e ônus para os que ficam às suas margens. Enquanto o favorecido obtém aquilo de que precisa, o “grande”, que presta o favor, recebe o prestígio de ser alguém que concede benefícios. Trata-se de uma forma de poder sobre os outros, próxima da ideia de capital social. O auxiliado, para sempre amarrado a uma espécie de dívida de gratidão, corre o risco de ter suspenso aquilo que obteve (ou de não voltar a recebê-lo) caso a associação do favorecedor com ele deixe de ser enobrecedora; como ocorreu no caso do Dr. Vilaça, que mencionamos acima. Esse risco, além de ameaçar o meio pelo qual o favorecido obtém

suas condições de sobrevivência, coloca em jogo o reconhecimento da sua condição de homem livre, removendo de si uma de suas mais importantes qualidades diferenciadoras da classe dos escravizados:

Mesmo o mais miserável dos favorecidos via reconhecida nele, no favor, a sua livre pessoa, o que transformava prestação e contraprestação, por modestas que fossem, numa cerimônia de superioridade social, valiosa em si mesma. Lastreado pelo infinito de dureza e degradação que esconjurava — ou seja, pela escravidão, de que as duas partes se beneficiam e timbram em se diferenciar — este reconhecimento é de uma convivência sem fundo, multiplicada, ainda, pela adoção do vocabulário francês da igualdade, do mérito, do trabalho, da razão. (Ibid., p. 55)

Podemos entender, aqui, o esvaziamento do discurso liberal (cujo papel passa a ser, em grande parte, manter uma distinção entre “cidadãos” e “escravizados”) e, por consequência, do político, praticado pela sociedade descrita por Roberto Schwarz. Não estranha a recomendação do pai de Janjão a respeito dos discursos de política metafísica: o interesse não é fazer avançar a discussão, mas sim aproximar-se de um ideal de europeidade, pela adequada mobilização de fórmulas discursivas esvaziadas e de um capital cultural de verniz.

Se, para Schwarz, o agregado é a caricatura do homem livre, sujeito à política de favores, talvez possamos pensar que o medalhão é outra de suas manifestações. Enquanto o agregado vive diretamente dos favores concedidos por algum latifundiário, possivelmente até mesmo morando em sua casa (como é o caso do José Dias, de Dom Casmurro, exemplo canônico de agregado), e não desfruta de prestígio social, o ofício do medalhão consiste em, angariando distinção e se fazendo necessário ao lustre da sociedade, disfarçar os favores que recebe e dos quais, ao final das contas, carece para a manutenção de sua vida. O medalhão, diferente do agregado, é capaz de revestir aquilo que recebe como favor em ares sofisticados de troca.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. “Capítulo XII: um episódio de 1814”. In: ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019. pp. 61-8.
- ASSIS, Machado de. “Teoria do medalhão: diálogo”. In: ORG. GLEDSON, J. 50 Contos de Machado de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. pp. 81-90.
- BOURDIEU, Pierre. “O capital social — notas provisórias”. In: Escritos de Bourdieu, org. NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio, Escritos de Educação. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2007. pp. 67-9.
- BOURDIEU, Pierre. “Os três estados do capital cultural”. In: Escritos de Bourdieu, org. NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio, Escritos de Educação. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2007. P. 71-79.

SCHWARZ, Roberto. “As ideias fora do lugar”. In: SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar: ensaios selecionados*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014. pp. 47-64.

SETTON, Maria da Graça. “As práticas de cultura em Pierre Bourdieu”. In: *Socialização e Cultura: ensaios teóricos*. São Paulo: AnnaBlume, 2012.